

SEGURANÇA EM FEIRAS DE CIÊNCIAS: UM ESTUDO DE CASO NO SEMIÁRIDO POTIGUAR

Jaciara Bizerra de Oliveira¹, Fabricia Nascimento de Oliveira²

Resumo: As feiras de ciências são eventos educacionais que reúnem estudantes, professores e membros da comunidade, proporcionando um ambiente de aprendizado interativo. No entanto, a movimentação de um grande número de pessoas exige medidas de segurança para prevenir acidentes. Este estudo teve como objetivo analisar a ocorrência de acidentes em uma feira de ciências no semiárido potiguar e avaliar o nível de preparação dos responsáveis pelos alunos para lidar com eventuais emergências. Trata-se de um estudo de caso com abordagem quantitativa, realizado na XIV Feira de Ciências do Semiárido Potiguar. Os dados foram coletados por meio de um questionário semiestruturado aplicado a 48 responsáveis por alunos presentes no evento. Os resultados indicaram que 95,8% dos participantes não relataram acidentes, e apenas dois incidentes menores foram mencionados. Contudo, 70,8% dos responsáveis não possuem capacitação em primeiros socorros e 64,6% desconhecem um local seguro para emergências dentro do evento. Esses achados demonstram a necessidade de treinamentos específicos e da implementação de protocolos de segurança mais claros para eventos educacionais. Conclui-se que, apesar da baixa ocorrência de acidentes, é essencial fortalecer a capacitação dos responsáveis para garantir um ambiente mais seguro nas futuras edições da feira.

Palavras-chave: Feira de Ciências; Segurança; Treinamentos; Eventos Educacionais

1. INTRODUÇÃO

Em ambientes de ensino como escolas e universidades, onde se promovem eventos como feiras de ciências, a grande concentração de pessoas e a diversidade de atividades podem levar a acidentes inesperados, especialmente entre as crianças, que são mais propensas a sofrerem lesões nesse tipo de evento. As crianças são as principais vítimas de acidentes no Brasil, especialmente na faixa etária de 0 a 6 anos. No ambiente escolar, essa faixa etária apresenta um índice ainda maior de acidentes devido à desatenção e inexperiência comuns nessa idade. A alta ocorrência de acidentes entre crianças, especialmente nessa faixa etária tem despertado a atenção de profissionais da área educacional do país, evidenciando a necessidade de medidas preventivas eficazes [1],[2],[3],[4].

Uma forma de prevenir os acidentes é realizar uma análise cuidadosa de quais riscos estão presentes no ambiente e adotar medidas que possam reduzir as possíveis causas de acidentes, especialmente nos ambientes de ensino, já que é um espaço onde há grande circulação de pessoas e o público que frequenta é mais vulnerável, em sua maioria crianças e adolescentes, e não possui o mesmo entendimento da gravidade, diferente dos adultos. Com isso, as chances de acidentes aumentam para esse público, principalmente se não houver um monitoramento adequado [5].

Os ambientes de estudo são os locais onde as crianças e jovens passam grande parte do seu dia e esse público possui por sua essência uma maior desatenção e imaturidade, por isso é necessário que os profissionais que trabalham nesses ambientes possuam capacitação adequada para que os pais que deixam suas crianças nesses locais tenham a confiança de que seus filhos estão resguardados sob os cuidados escolares [6].

Para garantir a segurança da comunidade escolar, é importante que os professores, além da formação pedagógica, recebam treinamento prático em primeiros socorros. Essa capacitação é fundamental para que os educadores possam agir com segurança e confiança em situações de emergência, atendendo crianças, adolescentes e adultos em caso de acidentes e promovendo um ambiente de ensino mais seguro [5].

As capacitações recebidas pelos professores para lidar em situações de emergências no ambiente escolar, precisam ser contínuas, para que assim os profissionais que trabalham nesse espaço possam iniciar, em caso de acidente com algum estudante, com a assistência pré-hospitalar até o momento em que a equipe especialista chegue no local. Além disso, é fundamental que nas escolas tenha materiais apropriados e de fácil alcance e que os profissionais presentes, como os professores e demais funcionários tenham conhecimento para utilizá-los. Com base nisso, foi criada a Lei Lucas (Lei nº 13.722 de 4 de outubro de 2018) que possui como objetivo tornar obrigatório a capacitação em noções básicas de primeiros socorros de professores e funcionários de estabelecimentos de ensino públicos e privados de educação básica e de estabelecimentos de recreação infantil, já

que as crianças apresentam uma maior vulnerabilidade para se acidentar e necessitam desse cuidado vindo por parte dos profissionais responsáveis. Essa lei é um passo fundamental para garantir a segurança e o bem-estar dos estudantes, capacitando os profissionais da educação para oferecer os primeiros cuidados em caso de necessidade e, assim, evitar que outras crianças passem pelo que o Lucas e sua família passaram [5], [7].

Fazendo uma revisão na literatura observou-se que alguns trabalhos já foram feitos abordando a temática de acidentes no ambiente escolar, porém não foi encontrado até o momento trabalhos com foco em feiras de ciências. As pesquisas encontradas em ambientes escolares foram os estudos de: [2], [8], [9], [10], [11], [12], [13], [14].

Este trabalho, justifica-se pela necessidade de aprofundar o conhecimento sobre a ocorrência de acidentes em ambientes de ensino, especificamente em uma feira de ciências, visando aprimorar as medidas de segurança e promover um evento científico mais protegido para estudantes, professores e visitantes. Diante desse contexto, surge a seguinte questão: os responsáveis pelos estudantes que participam da feira de ciências possuem conhecimento sobre possíveis riscos e estão preparados para agir em caso de acidentes? Quais são os principais desafios e medidas adotadas para garantir a segurança durante o evento?

As feiras de ciências proporcionam um ambiente dinâmico e interativo para estudantes e professores, mas também envolvem riscos de acidentes devido à grande movimentação de pessoas e ao manuseio de materiais experimentais. Assim, pressupõe-se que a ocorrência de acidentes pode ser minimizada se os responsáveis pelos alunos forem adequadamente capacitados para lidar com situações de emergência e se houver medidas preventivas eficazes no evento, já que a falta de treinamento e protocolos claros pode comprometer a segurança dos participantes.

Logo, o presente trabalho teve como objetivo analisar a ocorrência de acidentes em uma feira de ciências no semiárido potiguar, bem como as ações adotadas em caso de eventualidades pelos responsáveis que acompanham os estudantes. A pesquisa buscou identificar como os responsáveis por esses estudantes lidam com essas situações de acidentes, visando contribuir para a promoção de um ambiente mais seguro para todos os participantes.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Ambientes de ensino

Para garantir o bem-estar e prevenir doenças, o ambiente escolar e os professores devem criar um espaço seguro para as crianças em desenvolvimento. Esse ambiente deve ser acolhedor nos aspectos físico, social e psicológico, permitindo que elas explorem e aprimorem suas capacidades físicas e motoras. Nesse contexto, de acordo [15], [7], as principais causas de acidentes e as mais frequentes nas escolas são sangramento nasal, desmaio, entorses, luxações, fraturas, cortes e escoriações.

O espaço didático educativo é o ambiente onde as crianças ficam aproximadamente um terço do seu dia. Nesse sentido, esse local passa a ser favorável à ocorrência de acidentes, visto que é um lugar onde reúne um elevado número de estudantes que interagem e desenvolvem diferentes atividades. Contudo, apesar de se ter a ideia de que esse lugar é seguro, já que se trata de um local destinado à formação de pessoas, esse ambiente é propício também para a ocorrência de acidentes, já que nele são desenvolvidas diversas atividades, entre elas as atividades esportivas [16], [17], [7]. Essas atividades levam os estudantes a realizarem diversos e diferentes tipos de movimentos, sejam eles individuais ou em grupos. Assim, proporcionando ainda mais as chances de acontecer algum tipo de acidente.

Nos ambientes de estudo, as quedas são indicadas como uma condição mais frequente e a principal causa de lesões traumáticas cerebrais, apresentando um risco expressivo de sequelas a longo prazo [17], [7]. Embora grande parte dos acidentes que acontecem nas escolas não necessitem de um atendimento médico, eles apresentam em mais de um terço uma quantidade significativa de acontecimentos acidentais relacionados e aproximadamente um terço a esportes e atividades recreativas, decorrentes de quedas durante a realização de diferentes atividades. Desta forma, a segurança no meio escolar advém de dois fatores principais: a estrutura física na escola adequada para todos que a frequentam, já que há estudantes de diferentes idades, e também os profissionais que trabalham no ambiente escolar que precisam estar preparados para possíveis atuações [7].

Os ambientes de ensino, desde a educação infantil até o ensino superior, são espaços dinâmicos onde uma variedade de atividades e eventos são realizados nesses locais, que vão muito além das tradicionais aulas em sala, abrangendo diversas atividades, como eventos esportivos, palestras, feiras de ciências, entre outros. Apesar de todos os benefícios, os ambientes educacionais também podem apresentar riscos de acidentes, tanto nas áreas internas quanto externas.

2.2. Acidentes nos ambientes de ensino

Desde os anos de 1980 que os acidentes eram caracterizados como acontecimentos inesperados,

normalmente prejudiciais, causados por uma força exterior, resultando em determinado prejuízo físico ou mental. Contudo, na atualidade, o sentido de imprevisibilidade vem assumindo um significado diferente, sendo definido como um fato que pode ser prevenido e contido. Isso acontece por condições em que é possível prever, não sendo atribuído apenas como algo que acontece na causalidade [18], [2].

Nesse contexto, uma das finalidades dos profissionais presentes nas escolas é contribuir com a continuação das crianças nesse local, possibilitando assim que elas se adaptem aos ambientes e rotinas, evitando e prevenindo acidentes e atendendo sempre que necessário, de forma correta e eficiente, situações que porventura venham ocorrer [18], [2].

Anualmente, no Brasil, os acidentes são os maiores motivos de morte entre indivíduos na faixa etária de 1 a 14 anos de idade. O que mais chama atenção é que muitos desses acidentes teriam a possibilidade de ser evitados se medidas preventivas fossem adotadas. De acordo com [19], somente no ano de 2005, 21.040 jovens com até 19 anos de idade perderam a vida devido a acidentes e violência. A Região Sudeste ficou em primeiro lugar com 8.783 mortes (41,7%), seguida pela Região Nordeste com 5.437 (25,8%). A Região Sul ocupou o terceiro lugar com 3.229 mortes (15,3%), seguida pela Região Centro-Oeste com 1.984 (9,4%) e por fim, a Região Norte com 1.762 (8,4%) mortes registradas [2].

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, o qual foi desenvolvido pelo Ministério da Educação, os acidentes precisam ser avaliados a partir de dois aspectos principais: medidas de prevenção como forma de promover a aprendizagem e também a realização de ações de primeiros socorros. Essas medidas podem ser desenvolvidas nas unidades escolares levando em consideração os recursos existentes no ambiente de ensino. Isso possibilita que os estudantes construam a habilidade não só para reconhecer os possíveis acidentes, mas também eliminar os possíveis riscos que isso possa causar. É essencial que eles percebam circunstâncias que coloquem não só sua integridade física em ameaça, mas também de outras pessoas que estejam ao seu redor. Além disso, devem ser capazes de agir de forma solidária e responsável em situações necessárias onde envolve cuidado com a saúde de outras pessoas [2].

É fundamental que as escolas adotem medidas preventivas para garantir a segurança de estudantes, professores, funcionários e visitantes. Ao adotar medidas preventivas e promover a cultura de segurança, as escolas podem garantir um ambiente educativo seguro e acolhedor para todos e reduzir ou eliminar as situações de acidentes nesses ambientes.

3. METODOLOGIA

3.1 Tipo de Pesquisa

Este estudo caracteriza-se como um estudo de caso, com abordagem quantitativa, pois investiga um evento específico – a XIV Feira de Ciências do Semiárido Potiguar – e analisa os dados coletados a partir da aplicação de questionários semiestruturados. A escolha por um estudo de caso se justifica pela necessidade de compreender a ocorrência de acidentes dentro do contexto particular da feira de ciências, possibilitando a identificação de desafios e propostas para melhorias na segurança do evento.

3.2 Local e Período da Pesquisa

A pesquisa foi realizada durante a XIV Feira de Ciências do Semiárido Potiguar, ocorrida no Expocenter (Centro de Exposições de Mossoró Eneás Negreiros), localizado na Universidade Federal Rural do Semi-árido (UFERSA), campus Mossoró. A coleta de dados ocorreu nos dias 3, 5 e 6 de dezembro de 2024, abrangendo diferentes turnos (manhã e tarde), a fim de obter uma amostra mais diversificada.

3.3 Participantes da Pesquisa

Os participantes da pesquisa foram profissionais da educação (professores, coordenadores, diretores e outros responsáveis pelos alunos) que acompanharam estudantes na feira de ciências. No total, 49 questionários foram aplicados, mas apenas 48 respostas foram consideradas válidas, pois um dos respondentes não preencheu todas as questões, inviabilizando sua análise.

Critérios de inclusão:

- Profissionais da educação que estavam acompanhando os estudantes durante a feira de ciências.
- Profissionais que concordaram voluntariamente em responder ao questionário.

Critérios de exclusão:

- Questionários preenchidos de maneira incompleta.
- Participantes que não possuíam vínculo com a responsabilidade de acompanhamento dos estudantes no evento.

3.4 Instrumentos e Procedimentos de Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário semiestruturado, composto por 24 perguntas, divididas em três categorias principais:

- **Perfil dos participantes** (11 perguntas)
- **Ocorrência de acidentes** (7 perguntas)
- **Capacitações recebidas pelos profissionais** (6 perguntas)

Antes das perguntas vinha o termo de consentimento livre e esclarecido explicando o objetivo da pesquisa, os benefícios e os riscos e o campo para assinatura informando o consentimento em participar da pesquisa. Além do questionário, foram utilizadas técnicas complementares para enriquecer a análise:

- **Análise documental:** levantamento do número de alunos inscritos por cidade e pelas Diretorias Regionais de Educação e Cultura (DIRECs).
- **Conversas informais:** diálogos com o coordenador do programa Ciência para Todos para compreender a estrutura do evento e os protocolos de segurança.
- **Registros fotográficos:** documentação visual das instalações do Expocenter, com foco em medidas de segurança, como saídas de emergência e presença de equipamentos de combate a incêndio.
- **Observação direta:** acompanhamento das atividades do evento para verificar a movimentação dos participantes e possíveis riscos à segurança.

3.5 Análise dos Dados

Os dados coletados foram analisados por meio de técnicas quantitativas, com a conversão das respostas dos questionários em percentuais. Os resultados foram apresentados em tabelas e gráficos, permitindo a visualização clara dos achados e a comparação entre os diferentes aspectos investigados.

3.6 Limitações do Estudo

Algumas limitações foram identificadas durante a pesquisa:

- **Dependência das respostas dos participantes:** Os dados foram coletados com base na percepção dos responsáveis pelos alunos, não havendo um controle oficial ou livro de registros dos acidentes ocorridos na feira de ciências.
- **Tamanho da amostra:** Apesar do esforço em abordar um público diversificado, alguns profissionais se recusaram a responder ao questionário alegando falta de tempo ou outras atividades no evento.
- **Extensão do questionário:** Alguns participantes demonstraram resistência em responder todas as perguntas devido ao tamanho do instrumento de coleta.

Apesar dessas limitações, o estudo fornece informações relevantes para o aprimoramento das medidas de segurança na feira de ciências e pode contribuir para a formulação de ações preventivas em eventos futuros.

Na Figura 1 é apresentado um esquema das etapas para a realização dessa pesquisa.

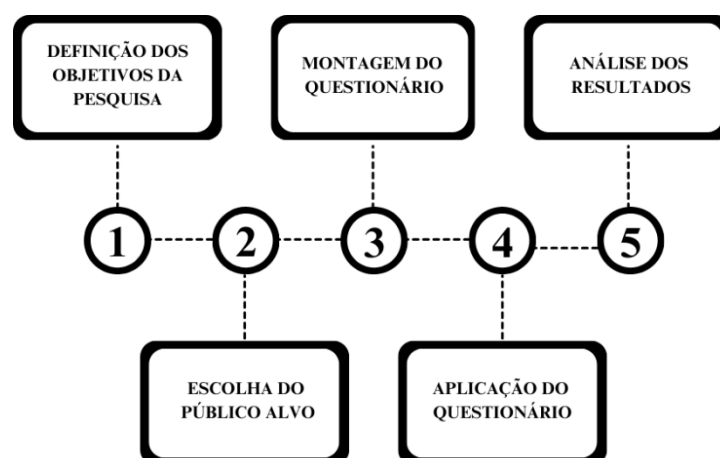


Figura 1. Sequência da coleta de dados (Autoria própria, 2025).

4. RESULTADOS

A feira de ciências do semiárido Potiguar é realizada anualmente pelo programa Ciência para Todos no Semiárido Potiguar com o objetivo de reunir ciência, tecnologia e educação. No ano de 2024 aconteceu a XIV feira no Expocenter na Ufersa, campus Mossoró. O ambiente conta com quatro saídas de emergência e durante a realização da feira estava presente um bombeiro civil. Somente neste ano foram 587 projetos finalistas, 1160 participantes, cerca de 75 voluntários e mais de 300 *stands*. Além disso, os municípios que tiveram trabalhos inscritos no evento ficaram em torno de 50 de todo o estado do Rio Grande do Norte. Esse ano a feira aconteceu no período de 03/12/2025 a 06/12/2024 e iniciou com a III feira *kids* que ocorreu no dia 03/12/2024, logo após a XIV feira júnior no dia 04/12/2024 e nos dois últimos dias do evento ocorreu a XIV feira juvenil. Os trabalhos aprovados ganharam credenciais para feiras de nível nacional e também internacional.

As respostas dos questionários mostraram que a maioria dos profissionais que acompanhavam os estudantes são professores com 81,3%, seguido do coordenador (8,3%), diretor (2,1%) e o outro (8,3%) que se refere a uma psicóloga educacional, um auxiliar de coordenação, um intérprete e um não foi informado (Figura 2). Com relação a qual tipo de rede de ensino pertence, a grande maioria vem das escolas públicas estaduais com 75%, na sequência pública municipal com 14,6%, rede privada (8,3%) em terceiro e por último um profissional na rede pública federal (2,1%), conforme Figura 3.

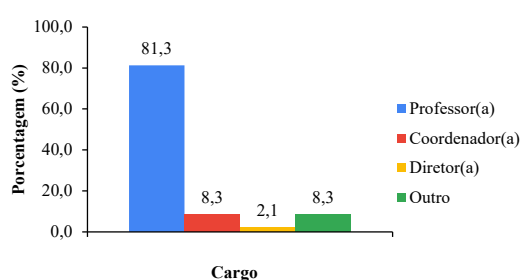


Figura 2. Cargo que o participante ocupa na escola (Autoria própria, 2025).

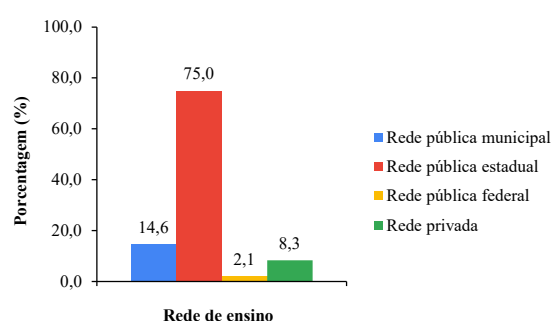


Figura 3. Rede de ensino que o participante pertence (Autoria própria, 2025).

Os resultados dos questionários revelam que os 48 profissionais que participaram da pesquisa vinham de 32 escolas diferentes e apenas um participante não informou a qual escola pertencia. A maioria das escolas teve apenas um representante na pesquisa, sendo quatro o número máximo de participantes de uma mesma instituição. Em relação aos municípios de onde os entrevistados vinham, foram verificados 15 municípios diferentes, sendo que Mossoró foi o que teve maior quantidade de respondentes, sendo responsável por 41,7% do total, podendo visualizar os municípios e suas respectivas porcentagens na Figura 4. Em segundo lugar ficou o município de Assú com 10,4% e em terceiro ficou Apodi com 8,3%. Os demais municípios, vão ter 6,3% (três participantes), 4,2% (dois participantes) ou 2,1% (um participante). É possível perceber que a maior parte dos profissionais vem do município de Mossoró. Isso se justifica pelo fato de 30,86% de inscrições de estudantes serem da feira juvenil e 44,22% representando a feira júnior. Assú, que ficou em segundo lugar, teve 9,93% de inscritos na feira juvenil e 5,64% na feira júnior. Esse dado é bastante relevante haja vista que os municípios que tiveram trabalhos inscritos na XIV feira de ciências do semiárido potiguar foram em torno de 50 em todo o estado do Rio Grande do Norte e conseguiu-se nessa pesquisa entrevistar profissionais de 15 municípios diferentes.

Em seguida foi analisado se as escolas que estavam participando vinham de zonas rurais ou urbanas e pode-se perceber que a diferença entre as escolas vindas de zonas rurais e urbanas foi bastante significativa, sendo que 81,3% dos profissionais que acompanhavam os estudantes eram de escolas que ficavam localizadas no perímetro urbano, e somente 18,8% vinham de escolas rurais, conforme pode ser observado na Figura 5.

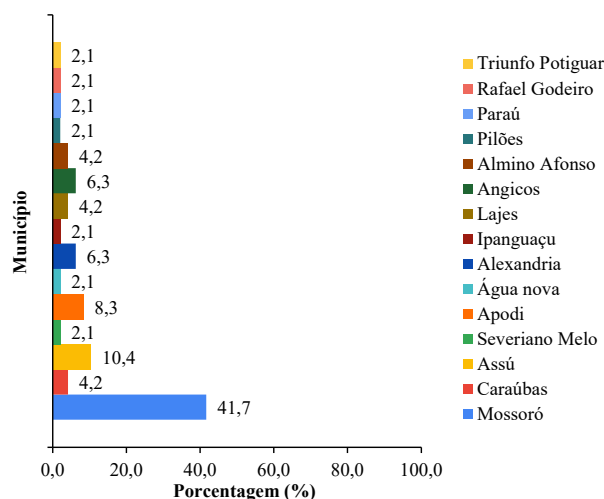


Figura 4. Município onde o participante trabalha (Autoria própria, 2025).

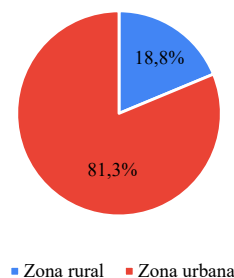


Figura 5. Localização da escola do participante (Autoria própria, 2025).

Com relação ao qual DIREC (Diretoria Regional de Educação e Cultura) pertence, a maioria faz parte da 12º DIREC que é a de Mossoró, o que faz sentido, levando em consideração que 20 pessoas vieram de escolas do município de Mossoró. Em segundo lugar ficou a 11º DIREC de Assú e em terceiro ficou a 13º DIREC de Apodi. O participante que respondeu “outro” refere-se a uma escola municipal e uma escola estadual, como é possível verificar na Figura 6. A DIREC de Mossoró representou 42,72% de inscritos na feira juvenil e na feira júnior 53,87% do total. A 11º DIREC de Assú correspondeu a 17,66% de inscritos na juvenil e 17,09% na feira júnior.

Com relação à faixa etária dos estudantes, alguns profissionais marcaram mais de uma opção, já alguns vinham responsáveis por mais de um estudante, finalizando assim 73 respostas, sendo que dessas não teve nenhum entre 3 e 5 anos e o maior percentual foi os estudantes de 17 anos com 19,5%. Em segundo ficou os de 16 anos (16,9%) e em terceiro ficou empate os estudantes de 15 e 18 anos com 11,7%, como se observa na Figura 7. Isso pode ser atribuído ao fato que na quinta e sexta aconteceu a feira juvenil e foi nesses dias onde o número de coleta foi maior, sendo neles recolhidos 39 questionários.

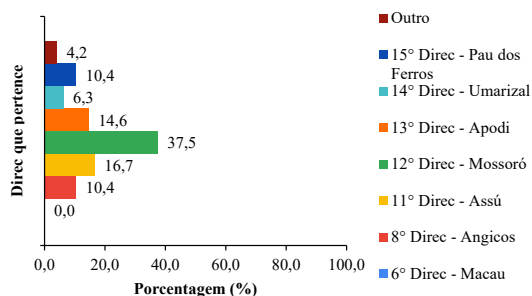


Figura 6. Direc a que pertence o participante (Autoria própria, 2025).

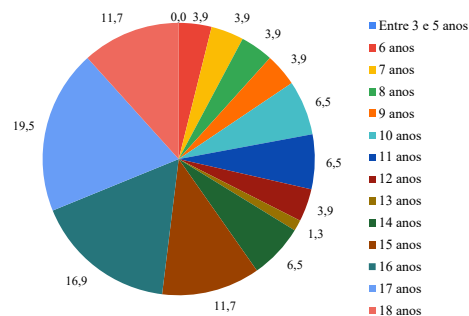


Figura 7. Faixa etária dos estudantes que os entrevistados estavam conduzindo (Autoria própria, 2025).

Ao serem questionados sobre a quantidade de estudantes que os profissionais vinham acompanhando esse valor variou bastante, sendo que o menor foi 2 e o maior foi de 200 estudantes, como se pode observar no Quadro 1. Isso pode ser explicado pela quantidade de pessoas que vinham conduzindo o grupo, já que 11 profissionais responderam que tinham somente ele como representante responsável pelos estudantes, enquanto outro respondeu que veio em torno de 19 profissionais acompanhando os estudantes.

Número de estudantes sob dos responsabilidade respondentes		Responsáveis que conduziram os estudantes além do entrevistado	
Quantidades de estudantes que conduziam	Respostas dos responsáveis pelos estudantes	Resposta do entrevistado	Quantidade de responsáveis que conduziram o grupo de estudantes
2	11	Não	11
3	19	Sim. Mais 1 acompanhante	17
4	3	Sim. Mais 2 acompanhantes	8
5	1	Sim. Mais 3 acompanhantes	2
6	2	Sim. Mais 5 acompanhantes	1
9	3	Sim. Mais 6 acompanhantes	1
13	1	Sim. Mais 7 acompanhantes	2
22	1	Sim. Mais 12 acompanhantes	1
43	2	Gestão	1
105	2	Variando entre 6 a 8 intérpretes	1
200	1	Sim. 1 coordenadora e 15 professoras	1
Entre 1 e 5	1	Sim. 1 coordenadora e 16 professoras e 1 psicóloga	1
Cerca de 30	1	Sim. Professores e 2 coordenadores do grupo	1
Total	48	Total	48

Quadro 1. Número de estudantes e responsáveis que conduziram os estudantes além dos participaram do estudo (Autoria própria, 2025).

O nível escolar dos estudantes variou bastante, sendo os maiores índices os estudantes do ensino médio, o que é compreensível, levando em consideração que grande parte dos estudantes estão na faixa etária de estar cursando esse nível escolar. A maior porcentagem foi o terceiro ano do ensino médio com 28,8%, em segundo o segundo ano do ensino médio com 20,5% e em terceiro o primeiro ano do ensino médio com 17,8%, como é possível visualizar na Figura 8. O questionário também contou com uma pergunta para verificar se havia acontecido algum acidente dentro do ônibus no percurso vindo para feira de ciências e obteve-se a resposta “não” como 100% dos resultados, como pode ser identificada na Figura 9. Dos respondentes, quatro deles informaram que é a primeira vez que está vindo para o evento, outros 3 participantes falaram que nunca ocorreu e um relatou que apenas algumas alunas, na faixa etária de 14 anos, ficaram enjoadas dentro do carro no percurso para a feira de ciências. O que é um resultado bastante positivo, levando em consideração que estudantes de outras cidades geralmente vem de ônibus e além disso durante o percurso é mais complicado do profissional que está acompanhando, visualizar todos os estudantes e mantê-los sentados e comportados.

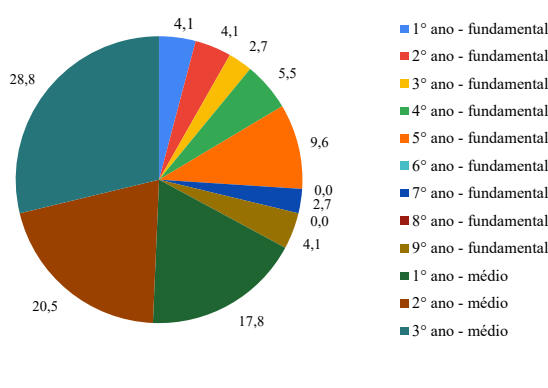


Figura 8. Nível escolar dos estudantes conduzidos pelos entrevistados (Autoria própria, 2025).

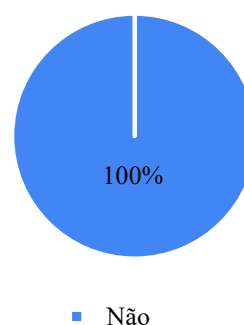


Figura 9. Relatos de acidentes ocorridos dentro do ônibus que conduz os estudantes para a feira de ciências pelos entrevistados (Autoria própria, 2025).

Quanto aos tipos de orientações que os profissionais dão aos estudantes para que não venham se perder do grupo durante a feira e não gerar nenhum tipo de transtorno, todos responderam à pergunta e tiveram algumas respostas bem semelhantes as quais foram agrupadas e apresentadas no Quadro 2. É possível visualizar que as respostas mais frequentes dos profissionais que acompanham os estudantes são que eles permaneçam sempre

próximo ao responsável, não sair do *stand* da apresentação, estar sempre em grupo, utilizar fardamento para identificação e também sempre avisar ao sair e estar sempre acompanhado de um adulto, entre outros.

Respostas	Quantidades
Não sair do <i>stand</i> , mas caso necessite ir sempre acompanhado de um adulto.	13
Estar em grupo; usar o fardamento e avisar ao responsável em caso de saída.	5
Pedimos que se mantenham dentro da Expocenter e nos procurem em qualquer situação.	4
Ter atenção; andar sempre em grupos; manter o celular ligado.	4
Ficamos sempre juntos e próximo da professora.	14
Nenhuma orientação específica.	2
Que respeitem as regras; sejam obedientes.	1
Não os oriento a respeito disso. Como já são maiores de idade, têm o costume de se manterem juntos.	2
Primeiro, fixar o local de seu <i>stand</i> e só se ausentar em extrema necessidade. Segundo, nunca sair todos ao mesmo tempo.	1
Oriento conforme o combinado com o coordenador da DIREC.	1
No início das orientações da feira de ciências da escola, faço uma lista de biossegurança.	1
Total	48

Quadro 2. Orientações dadas pelos responsáveis dos estudantes que participaram da feira de ciências para que estes não venham se perder do grupo (Autoria própria, 2025).

Sobre a existência de controle realizado pelos profissionais que estão responsáveis pelos estudantes, as respostas que transmitiram a mesma ideia estão mostradas no Quadro 3. Verifica-se que 6 profissionais responderam que não tem nenhum tipo de controle, enquanto outros responderam que aconselha ficar sempre em grupos e atentos, usam a lista de chamada para conferimento na chegada e saída e outros informaram que utilizam da tecnologia como ferramenta de comunicação, criando grupos para que sejam compartilhadas informações entre os profissionais e os estudantes. Todos esses métodos utilizados pela equipe visam melhorar o controle dos estudantes que estão na feira de ciências.

Respostas	Quantidades
Não.	6
Através da lista com relação de estudantes (nº e nome). Contagem em caso de deslocamento.	4
Sim. Sempre ficamos em grupos, principalmente ao lado dos menores.	3
Ficamos sempre atentos, dando suporte no que precisar, evitando o distanciamento do grupo.	4
Sim. Sempre orientamos a permanecer no local indicado.	2
Montamos um grupo com todos os estudantes participantes onde compartilhamos qualquer informação.	4
Sim, antes das apresentações, a equipe de biossegurança certifica cada estande.	3
Lista de chamada. Cada professor fica responsável por sua turma, a coordenação faz o acompanhamento e alguns pais acompanham o grupo a convite da escola.	3

Quadro 3. Existência de controle por parte dos responsáveis que conduziam os estudantes para a feira de ciências (Autoria própria, 2025).

A pergunta sobre se já tinha ocorrido de algum estudante ser esquecido na feira de ciências obteve como resultado 100% das respostas sendo não, como é observado na Figura 10. Isso é um valor muito significativo e consequência de um trabalho bem feito por todos os profissionais que acompanham os estudantes. Respostas como: “não sei”, “é minha primeira feira”, “se foi não é de meu conhecimento, é minha primeira vez como orientador”, e “não tenho conhecimento” foram considerados como “não”.

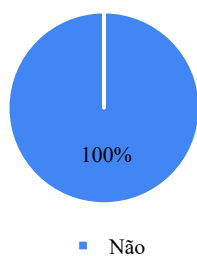


Figura 10. Resposta do responsável sobre estudante que havia sido esquecido no evento (Autoria própria, 2025).

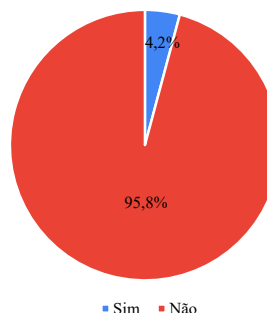


Figura 11. Relato de acidentes ocorridos com estudantes durante as feiras de ciências (Autoria própria, 2025).

Além disso, uma das perguntas principais que o questionário contém é com relação ao acontecimento de algum acidente durante o evento na feira de ciências. Como resultado houve um número significativo de nenhum acidente (95,8%), como se observa na Figura 11. Dos respondentes que marcaram sim (4,2%), um respondeu escorrego e um lembrou que há alguns anos uma aluna passou mal e precisou ser atendida por uma equipe especializada que estava no local. Dos dois únicos acontecimentos relatados pelos profissionais, nenhum deles foi necessário ir para uma unidade de atendimento de saúde da localidade, conforme observado na Figura 12.

Na pergunta para verificar se os profissionais saberiam encontrar um local seguro na feira de ciências em caso de emergência com algum aluno, foi observado que aproximadamente um terço (33,3%) saberia como localizar um espaço protegido em caso de algum acidente durante o evento, enquanto cerca de dois terços (64,6%) responderam que não conheciam, e apenas 2,1% respondeu que depende da ocorrência, como pode ser visto na Figura 13.

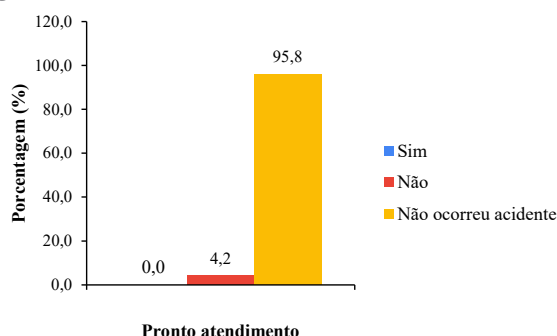


Figura 12. Acidentados conforme relatos dos entrevistados que precisaram de pronto atendimento (Autoria própria, 2025).

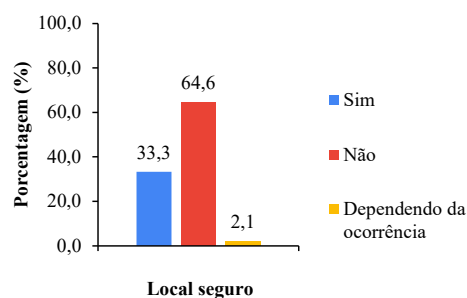


Figura 13. Entrevistados que saberiam encontrar um local seguro na feira (Autoria própria, 2025).

É importante que em grandes eventos como esse, sejam repassadas informações sobre caso ocorra algum acidente, como os profissionais devem agir diante das situações. Essas informações poderiam ser breves e repassadas pela equipe de biossegurança da feira de ciências. Além disso, observou-se no local portas de saídas de emergência e extintores de combate a incêndio, conforme as Figuras 14 e 15. Os extintores estavam em tripés e as saídas de emergência estavam sinalizadas.



Figura 14. Saída de emergência no local da feira de ciências (Autoria própria, 2025).



Figura 15. Extintores presentes no local da feira de ciências (Autoria própria, 2025).

Com relação a caso ocorra algum acidente com substâncias químicas, se o profissional saberia ajudar os estudantes envolvidos no acidente, o resultado foi de 64,6% responderam que conseguiriam agir nesses casos. Entre as respostas dadas pelos profissionais é possível citar as seguintes: “pediria para alguém ligar para emergência e lavaria o local com água”, “procurar ajuda com a equipe de biossegurança”, “lavar o local com água em abundância e, dependendo do produto, buscar socorro médico”. No entanto, 35,4% respondeu que não saberia como agir. Entre as respostas, um falou que não trabalhavam com produtos químicos e outro respondeu que não saberia e chamaria a equipe responsável pela feira de ciências. Isso pode ser identificado na Figura 16. Na feira de ciências já existe uma equipe de biossegurança para evitar situações de acidentes com os estudantes participantes do evento.

Sobre acidentes que poderiam ter ocorrido com algum estudante na travessia de rua próximo a UFERSA, 91,7% respondeu que nunca havia acontecido nenhum acidente e somente 8,3% disse que não saberia informar, como pode ser visualizado na Figura 17. O que pode ser considerado um resultado excelente, tendo em vista que nenhum aluno se feriu. Entre as respostas citadas pelos profissionais, é possível relatar as seguintes: “Não, pois os estudantes entram diretamente com os adultos responsáveis”, “Não, porém o acesso (a travessia) é perigoso”, “Não, o ônibus deixa no portão”.

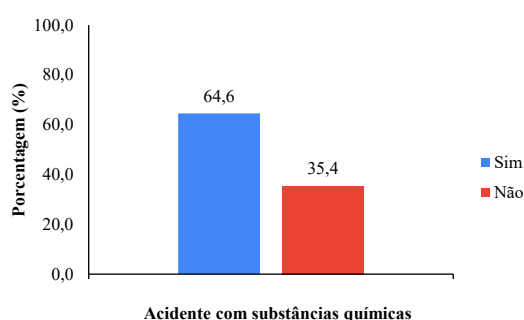


Figura 16. Responsável pelos estudantes da feira que saberiam agir em situações de acidentes com substância química (Autoria própria, 2025).

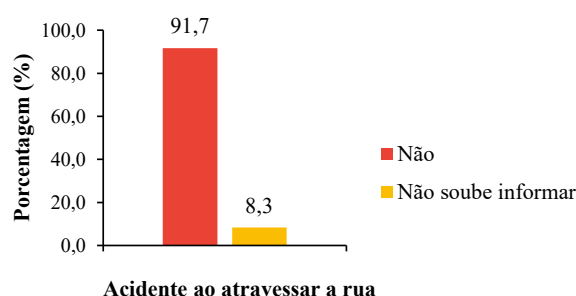


Figura 17. Acidente ocorrido com estudantes da feira de ciências ao atravessar a rua (Autoria própria, 2025).

Os treinamentos são fundamentais para que os profissionais sejam capacitados e se tornem aptos a agir em situações de emergência. A pesquisa mostrou que dos 48 profissionais que participaram do estudo, somente 27,1% possuem algum tipo de treinamento, o que é um número muito baixo levando em consideração que esse valor representa apenas 13 profissionais com treinamento para atender os estudantes em caso de alguma emergência. Enquanto isso, 70,8% respondeu que não possui treinamento em primeiros socorros e somente um profissional não respondeu a essa pergunta. Essas informações podem ser observadas na Figura 18.

As capacitações recebidas pelos profissionais são importantes para que em caso de algum acidente, possam agir de imediato. Afinal, eles são os responsáveis pelos estudantes durante o momento das aulas, sejam elas internas ou externas. Essa pergunta foi livre para que o profissional respondesse mais de uma vez e ao total, foram marcadas 61 alternativas, sendo a resposta de “não recebi” capacitação a com a maior porcentagem (31,1%). Em segundo lugar ficou os primeiros socorros com 29,5% e em terceiro lugar as capacitações sobre o uso dos laboratórios de química com 14,8%. A alternativa “outro” diz respeito a resposta de um respondente que citou uma palestra sobre primeiros socorros. Esses dados podem ser encontrados na Figura 19.

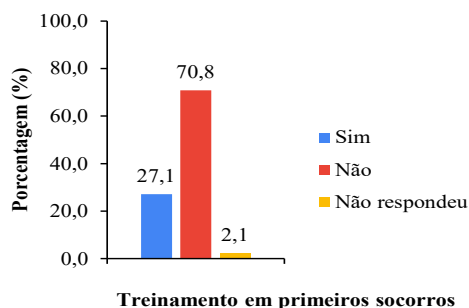


Figura 18. Profissional entrevistado que possui treinamento em primeiros socorros (Autoria própria, 2025).

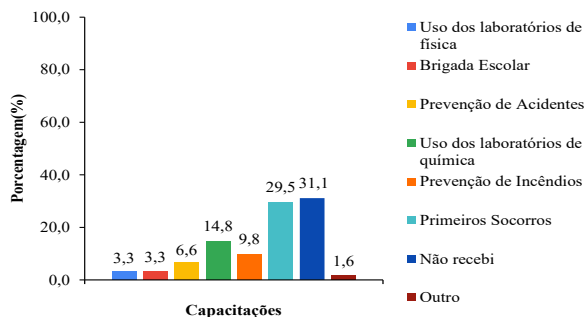


Figura 19. Capacitações recebidas pelo profissional entrevistado na escola que trabalha (Autoria própria, 2025).

Com relação se os profissionais conhecem algum número de emergência para ligação em situações de urgência, 72,9% responderam que conhecem, outros 22,9% marcaram que não conhecem e 4,2% não respondeu, como pode ser visualizado na Figura 20. Mas dessa porcentagem dos que conhecem não foram todos que responderam corretamente, o que pode ser identificado na Figura 21. No caso de alguma emergência, o número mais indicado seria o do SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência), que é o número 192, o que representou somente 54,3% do total respondido. Outros 14,3% colocaram o número da polícia militar (190), 14,3% colocou o número do corpo de bombeiros (193) e 2,9% colocou o número da central de atendimento às mulheres (180). Além disso, no espaço reservado para colocar o número que saberia informar, dois profissionais colocaram apenas escrito a palavra sim e outros 3 colocaram a palavra SAMU, não informando o número.

O número do corpo de bombeiros é utilizado para situações de emergência envolvendo incêndio, desabamentos e busca de pessoas. Já o SAMU é utilizado para casos em que envolve acidente com algum participante da feira de ciências como por exemplo, quedas, escorregos, fraturas, queimaduras graves, crises convulsivas, parada cardíaca, entre outros. Assim, é possível perceber que os profissionais estão muitas vezes despreparados não só em relação a treinamentos e capacitações, mas também a qual número de emergência deve acionar em situações que necessitem em caso de algum acidente.

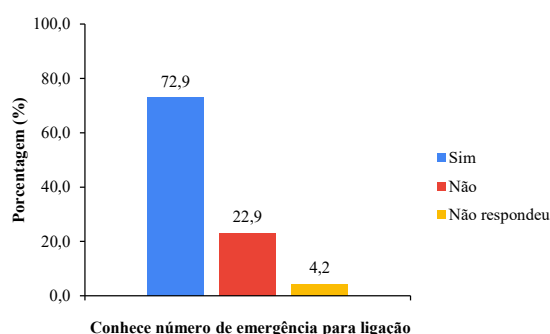


Figura 20. Profissional respondente que tem conhecimento do número de emergência (Autoria própria, 2025).

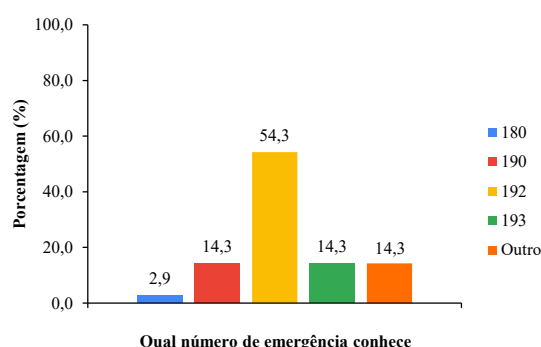


Figura 21. Número de emergência que os profissionais respondentes têm conhecimento (Autoria própria, 2025).

Por fim, foi perguntado aos participantes se na escola onde ele trabalha havia algum número de emergência para que em caso de alguma situação de urgência os responsáveis dos estudantes ou a direção sejam informados acerca do ocorrido. Sobre a existência do número, 25% disse que havia, outros 48,8% respondeu que não tinha e 29,2% não soube informar se havia ou não um número de emergência onde trabalhava. Esses resultados podem ser verificados na Figura 22.

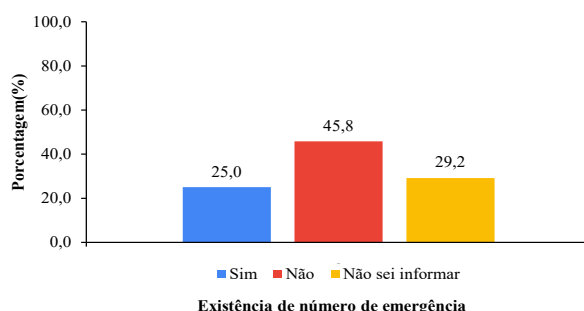


Figura 22. Escolas dos participantes da pesquisa que possuía número de emergência (Autoria própria, 2025).

É importante destacar que todas as respostas obtidas foram fundamentadas na percepção dos responsáveis pelos estudantes e que não existe nenhum tipo de controle ou livro de registros sobre os acidentes ocorridos nos últimos anos na feira de ciências que ocorre no Expocenter por parte dos organizadores do evento.

A participação desses responsáveis pelos estudantes permitiu saber se já ocorreram acidentes no evento e os tipos de acidentes mais comuns, bem como das medidas adotadas para lidar com essas situações. Os dados coletados fornecem informações relevantes para a promoção de um ambiente mais seguro nas futuras edições da feira de ciência do semiárido Potiguar.

5. DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa indicam que a XIV Feira de Ciências do Semiárido Potiguar foi um evento seguro, sem registro de acidentes graves. Entretanto, a falta de capacitação dos responsáveis pelos alunos para lidar com emergências apresenta uma lacuna preocupante. O estudo revelou que 70,8% dos participantes não possuem treinamento em primeiros socorros, e 64,6% desconhecem locais seguros dentro do evento.

Essa realidade sugere que, apesar da estrutura mínima de segurança do evento, como saídas de emergência e a presença de um bombeiro civil, a preparação individual dos profissionais da educação para atuar em situações críticas é limitada. A ausência de um controle formal de registros de acidentes no evento também dificulta um monitoramento mais preciso dos riscos ao longo dos anos.

A comparação com outros estudos sobre segurança no ambiente escolar reforça que eventos educacionais, como feiras de ciências, exigem protocolos de biossegurança e capacitação contínua. Políticas como a Lei Lucas (Lei nº 13.722/2018), que exige capacitação em primeiros socorros para profissionais da educação, ainda não estão plenamente implementadas nesse contexto, evidenciando um desafio a ser superado.

Dessa forma, medidas como treinamentos periódicos para professores e responsáveis, criação de um livro de registros de acidentes e melhoria na sinalização de locais seguros podem fortalecer a segurança do evento e garantir um ambiente ainda mais protegido para os participantes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou a ocorrência de acidentes e o nível de preparação dos responsáveis pelos alunos na XIV Feira de Ciências do Semiárido Potiguar. Os resultados demonstram que não houve registros de acidentes graves, porém a capacitação dos responsáveis para situações emergenciais ainda é deficiente.

Diante disso, recomenda-se:

- Treinamentos em primeiros socorros e segurança para os profissionais responsáveis pelos alunos.
- Criação de um registro formal de ocorrências na feira para monitoramento de acidentes ao longo dos anos.
- Sinalização de locais seguros dentro do evento e divulgação de contatos de emergência.

Embora o evento tenha sido bem-sucedido em termos de segurança, a implementação dessas ações pode aprimorar a gestão de riscos e garantir um ambiente ainda mais seguro nas próximas edições da feira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] CABRAL, E.V.; OLIVEIRA M.F.A. Primeiros socorros na escola: conhecimento dos professores. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 10, n. 1, p. 175-186, Abril, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/resa2017.v10i1.a21255>. Acesso em: 07 nov. 2024.
- [2] CONTI, K.L.M.; ZANATTA, S.C. Acidentes no ambiente escolar - uma discussão necessária. **Cadernos PDE**, versão online, v. 1. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE, 2014. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unesp-paranavai_cien_artigo_kesia_liriam_meneguel.pdf. Acesso em: 07 nov. 2024.
- [3] LEITE, A.C.Q.B. et al. Primeiros socorros nas escolas. **Rev. Extendere**, 2013.
- [4] VERÇOSA, R.C.M. et al. Conhecimento dos professores que atuam no âmbito escolar acerca dos primeiros socorros. **Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v. 22, n. 1, p. 78-84, 2021. Disponível em: <https://revistaensinoeducacao.pgskroton.com.br/article/view/8805>. Acesso em: 07 nov. 2024.
- [5] RODRIGUES, B.L.G. et al. Nível de conhecimento dos professores da educação infantil diante situações de urgência e emergência em escola. **Revista Revolu**, v. 1, n. 1, p. 87-95, jul-set, 2022. Disponível em: <https://revistarevolu.emnuvens.com.br/revista/article/view/19>. Acesso em: 07 nov. 2024.
- [6] EDUCA MUNDO. **Primeiros socorros na escola: sabe por que é tão importante?** Publicado em: 03/06/2024 pelo educa mundo. Disponível em: <https://educamundo.com.br/blog/primeiros-socorros-escola/>. Acesso em: 07 nov. 2024.
- [7] BRASIL. Lei Lucas (13722 de 4 de outubro de 2018). **Obriga as escolas, públicas e privadas e espaços de recreação infantil a se prepararem para atendimentos de primeiros socorros**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113722.htm. Acesso em: 10 jan. 2025.
- [8] SILVA, L.G.S. et al. Primeiros socorros e prevenção de acidentes no ambiente escolar: intervenção em unidade de ensino. **Rev. Enfermagem em Foco**, v. 8, n. 3, p. 25-29, 2017. Disponível em: https://enfermfoco.org/wp-content/uploads/articles_xml/2357-707X-enfoco-08-03-0025/2357-707X-enfoco-08-03-0025.pdf. Acesso em: 07 nov. 2024.
- [9] BESSA, A.G.; VIEIRA L.J.E.S. Acidentes em crianças no contexto escolar – uma visão do educador. **RECCS: R. Cent. Ci. Saúde**, Fortaleza, v. 14, n. 1, p. 15–20, dez., 2001. Disponível em:

<https://ojs.unifor.br/RBPS/article/view/1878>. Acesso em: 07 nov. 2024.

[10] OLIVEIRA, R.A. **Comportamentos de risco para acidentes em playgrounds: identificação e opiniões de profissionais da educação infantil**. 165 f. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/9286b74d-a19a-46ea-bf9e-b4fb959dbc5b/content>. Acesso em: 07 nov. 2024.

[11] SENA, S.P.; RICAS, J.; VIANA, M.R.A. A percepção dos acidentes escolares por educadores do ensino fundamental, Belo Horizonte. **Rev. Med Minas Gerais**, v. 18, n. 4, supl 1, S47-S54, 2008. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=A+percep%C3%A7%C3%A3o+dos+acidentes+escolares+por+educadores+do+ensino+fundamental%2C+Belo+Horizonte&btnG=. Acesso em: 07 nov. 2024.

[12] SILVANI, C.B. et al., Prevenção de acidentes em uma instituição de educação infantil: o conhecimento das cuidadoras. **Rev. enfermagem UERJ**, v. 16, n. 2, p. 200-205, abr-jun, 2008. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/int-924>. Acesso em: 07 nov. 2024.

[13] CARMO, H.O. et al. Atitudes dos docentes de educação infantil em situação de acidente escolar. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, v. 7, e1457, 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/recom/article/view/1457>. Acesso em: 07 nov. 2024.

[14] SEIXO, L. Os acidentes em meio escolar: que intervenção? **Rev. Port. Clin. Geral**, v. 20, n. 2, p. 233-242, 2004. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=Os+acidentes+em+meio+escolar%3A+que+interven%C3%A7%C3%A3o%3F+&btnG=. Acesso em: 07 nov. 2024.

[15] OLIVEIRA, R.A.; LEÃO JUNIOR, R.; BORGES, C.C. Situações de primeiros socorros em aulas de educação física em municípios do sudoeste de Goiás. **Enciclopédia biosfera, Centro Científico Conhecer – Goiânia**, v. 11, n. 20, p. 772-777, 2015. Disponível em: <https://www.conhecer.org.br/enciclop/2015a/situacoes.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2024.

[16] COELHO, J.P.S.L. Ensino de primeiros socorros nas escolas e sua eficácia. *Revista científica do ITAPAC On-line [Internet]*. 2015.

[17] VEVÂNCIO, M.A.V.D. **Prevalência dos acidentes em espaço escolar e percepção dos agentes educativos**. 141 f. 2014. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Comunitária) - Instituto Politécnico de Viseu (Portugal), 2014. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/dd59d38fae6dce2a863db7325c509ff5/1?cbl=2026366&diss=y&pqorigsite=gscholar>. Acesso em: 07 nov. 2024.

[18] FILÓCOMO, F. R. F. et al. Estudo dos acidentes na infância em um pronto socorro pediátrico. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 10, n. 1, p. 41-47, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/Y9JRpJgxYKzkHK5MwNz9vtP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 07 nov. 2024.

[19] AMARAL, J. J. F.; PAIXÃO, A.C. Estratégias de prevenção de acidentes na criança e adolescente. **Rev. Pediatría**, v. 8, n. 2, p. 66-72, 2007.